

A MADRASTA

JENNIFER GRAHAM

Desde nosso divórcio amigável há alguns anos, Eric e eu ficamos bons amigos. Entramos em acordo quanto às regras de educação e às visitas ao nosso filho Charley, que se beneficiava desse nosso equilíbrio. Ele parecia bem ajustado e feliz.

Assim, quando conheci a noiva de Eric, que, afinal, ia se tornar a madrasta de meu filho, fiquei um pouco nervosa. Não havia dúvida de que Bonny teria influência sobre a vida de Charley. O que me desagradou na época foi a influência que ela teria na minha vida.

No nosso primeiro encontro fiquei impressionada em como éramos diferentes. Suas roupas tinham um ar de "vestida para o sucesso", enquanto eu fazia o gênero "desinteresse amarrotado". Ela era atraente, serena e segura, enquanto eu era desalinhada, nervosa e tagarela. Eu me sentia desconfortável e desconfiada, prestando atenção em todos os seus maneirismos e inflexões, avaliando-a como futura madrasta de Charley. Meu pensamento basicamente era: "O que ela vai fazer com o meu bebê?"

Até então eu tinha várias fantasias sobre a pessoa com quem meu "ex" se casaria um dia. Uma delas

Era que ela seria uma bruxa malvada, uma megera furiosa de quem meu filho fugiria gritando. Ele correria pra mim naturalmente, sua mãe de verdade, dona de infinita sabedoria e paciência, como só uma mãe pode ter. Havia outra hipótese assustadora: a madrasta seria tão legal que um dia eu ouviria meu filho me anunciando: "Não vou para casa hoje, mamãe. Bonny tem um camarote para assistir ao campeonato de futebol."

De qualquer forma, havia uma pessoa que estava para se tornar a outra mãe do meu filho e tudo que eu podia fazer era observar e esperar.

Com o tempo me tornei menos desconfiada e mais natural em relação à Bonny. Ela ficou menos profissional e mais familiar em relação a mim. Nós nos entendemos entre a rotina de horários de pegar e levar Charley, estar presentes a reuniões de pais e assistir a jogos de futebol.

Então, uma noite, meu novo marido e eu convidamos Bonny e Eric para um café depois de uma reunião de pais. Charley adorava nos ver juntos e estava feliz. Durante a noite, tensões e pretensões se derreteram. Bonny e eu baixamos nossas defesas e falamos mais francamente. Em vez de "ex- mulher" e "madrasta", éramos agora apenas amigas.

Alguns meses depois, nós quatro nos reunimos para falar da formatura de Charley. Em vez de trazer seus esquemas, listas e dados - como se apresentasse um projeto ante um comitê-, Bonny confessou vulnerabilidade. Falou de suas inseguranças e ansiedade em lidar com um adolescente como o Charley. Estava exigindo de mais ou pedindo de menos? Estava pressionando-o ou mimando-o?

Meu coração se abriu pra ela. Afinal, seus pensamentos e temores eram iguais aos meus. Ela estava pensando, sentindo e se comportando como mãe - o que ela se tornara.

Assim, a segunda mãe de Chaley nem é bruxa má, que magoaria meu filho, nem a fada madrinha, que o roubaria de mim. Ela é uma mulher que o ama, se preocupa com ele, lutaria por ele e o protegeria do mal.

Em vez de me preocupar com a aparência de Bonny, passei a ser agradecida por sua presença na vida de Charley e na minha. A visão que ela tem das coisas, suas ideias e até suas listas ajudaram a criar meu filho.

Eu estava errada em querer manter o Charley grudado em mim como um brinquedo. Eu não queria dividir. Talvez tenha sido a primeira a amá-lo, mas isso não significa exclusividade. Descobri como é importante que meu filho seja cercado de afeto. Agora há mais uma mulher no mundo cuidando dele de forma especial. E, por isso, com alegria, divido o título de mãe.